

IMPRESSÕES COLHIDAS EM UMA EXCURSÃO

CARLOS TEIXEIRA MENDES

Prof. Cathedratico da 4.ª Cadeira da Escola
Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

Faz parte do Regulamento de nossa Escola, a realização de excursões mais ou menos prolongadas por varias zonas do Estado, e todos os annos as realisamos.

Visam ellas mostrar aos alumnos do ultimo anno do curso o quanto se realiza na grande pratica daquillo que ensinamos na Escola.

Dispensavel será dizer que o aproveitamento é optimo não só da parte dos alumnos como tambem da dos professores. Muito temos aprendido nessas excursões. E é pena que o fazendeiro paulista não tenha o habito de visitar mais a meude os seus collegas ; ha por ahi muito que ver.

Do que vimos na ultima excursão só nos é permittido fallar da parte de agricultura, porque o que se refere ás outras actividades agricolas cabe a outros professores.

De tudo que observamos na parte de agricultura, dois trabalhos nos chamaram a attenção, e ambos visando o mesmo fim : a restauração de fazendas decadentes.

Só delles vamos tratar para não ser preciso repisar o que já temos dito em relação ao Instituto Agronomico de Campinas, cujos trabalhos já deveriam ser sobejamente conhecidos.

Dos trabalhos a que nos referimos, o primeiro realisou-se em Campinas, na fazenda "Boa Vista", do Snr. Jorge de Moraes Barros.

Tratava-se de um cafezal em plena decadencia e seu proprietario resolveu interplantar o antigo cafezal com novas mudas, e portanto tratava-se de plantas novas em terra velha, ou velhissima, gasta emfim.

Sabido como é, que a base dessa restauração deve ser confiada aos adubos organicos, resolveu-se o problema fazendo a criação intensiva do gado hollandez para, pelo leite produzido, dar-se ao cafezal o adubo por preço baixo.

Realisou-se a obra, restaurou-se o cafezal e a parte que nos mostraram, creada por esse processo, apresentava a apparencia de victoria completa.

Saltemos para o segundo caso para depois concluir.

Foi na fazenda "Iracema" do Snr. Alberto Whately em Ribeirão Preto que o fomos encontrar. Tratava-se, como no primeiro caso, de um cafezal decadente queurgia salvar.

Seu proprietario, em vez de interplantar o, preferiu — talvez por se tratar de cultura menos velha — a salvção das plantas já existentes. Para tanto tornava-se necessario o mesmo adubo — o esterco de curral — em grandes quantidades, e para produzi-lo de um modo pratico foram construidos seis "retiros" distribuidos pelos pontos mais convenientes da fazenda, nos quaes se cria o gado Caracú para produzir o esterco sob o piso dos animaes.

O esterco assim obtido é depois distribuido em sulcos previamente adubados com pó de ossos nas adjacencias das plantas.

Considerando os dois annos que medeiam entre a nossa primeira e a segunda visitas a essa propriedade, é inegavel que são verdadeiramente surprehendentes os primeiros resultados.

Estabeleçamos um paralelo entre os dois exemplos que estudamos.

Na fazenda "Boa Vista" do Snr. Jorge de Moraes Barros, temos: gado hollandez para leite, mercado á porta para seu producto, preço optimo, esterco feito em estrumeiras diariamente irrigadas, cafezal interplantado (plantas novas em solos velhos) e terras variando desde a terra roxa encaroçada, de diabase, passando por successivas diminuções de côr e de teor em argila, até a silicosa de quasi verdadeira salmourão.

Neste detalhe devemos lembrar que Campinas, quanto aos seus solos, é uma verdadeira colcha de retalhos, e muito comumente nos apresenta solos colluviaes.

Na fazenda "Iracema" do Snr. Alberto Whately temos: gado caracú de primeira qualidade, sem a preocupação da produção de leite, mercado relativamente distante, esterco feito sob o piso dos animaes (que se alimentam exclusivamente de pasto e permanecem no curral-coberto durante a noite) e portanto sem a estrumeira classica de irrigação, cafezal velho no qual só se fazem as replantas necessarias e terras roxas-silicosas, uniformes como as que caracterisam Ribeirão Preto.

São dois exemplos de restauração de nossas fazendas velhas dignos de serem estudados, porque na simplicidade dos methods que empregam encerram um colosso de ensinamentos praticos.

Deixemos de lado a feição técnica de cada um dos casos para encararmos somente o lado economico-social dos dois exemplos, e façamos as seguintes considerações:

1.º) — O Estado de São Paulo possui 274.000 Kms. quadrados de superficie, e dessa superficie. duvidamos que *um terço* seja todo de terras boas para a agricultura e será mesmo forçando um pouco a qualidade dessas terras que acharemos esse terço. Os dois terços restantes só poderão ir sendo conquistados paulatinamente com o adensamento da população e a intensificação das culturas, mais especialmente das annuaes.

E' commum se ouvir fallar da fertilidade de nossas terras e a realidade é que a não serem umas "manchas" relativamente grandes, disseminadas por todo o Estado, a fertilidade em nosso meio provem mais do clima que propriamente do solo.

Somos pobres de terras boas, e portanto precisamos aproveitar bem as que temos, eis o nosso ponto de partida.

2.º) — Depois que os americanos inventaram essa historia de cafés finos — 50 % de verdade e 50 % de exploração — tem se tornado uma necessidade melhorarmos a nossa produção.

Se é verdade que muito temos ainda que fazer no melhoramento de nossos cafés, na maior parte de nosso Estado, não

menos verdade é que ha zonas privilegiadas que produzem, com todo a facilidade, os cafés mais finos que se possa desejar.

Ora, se a area facilmente aproveitavel do Estado já não é muito grande, muito menor é a zona de cafés finos, e portanto ahi está mais uma razão para iniciarmos a cultura intensiva do cafeeiro nessas zonas.

3.º) — Em terceiro lugar na ordem destas considerações, vem a questão da organização geral das fazendas velhas, o que representa enorme capital; os transportes mais faceis sob todos os pontos de vista — onde o caminhão pode entrar em concorrência com as estradas de ferro, onde as distancias são menores e onde forçosamente teremos as melhores estradas de rodagem — a maior abundancia de braço operario, são todos motivos ponderosos para pensarmos na rehabilitação de, pelo menos certas regiões outr'ora tão ricas de cafezaes.

4.º) — O algodão que até certos limites e em certas partes do Estado pode se tornar cultura permanente, não pode entrar em conflicto com o café sinão em condições especialissimas como as actuaes, e ningem pode predizer por quanto tempo.

5.º) — O gado de corte e principalmente o de leite, elementos indispensavis á nossa vida, ao contrario de concorrer com o café, são o seu aliado mais natural.

Consideremos bem esses factores e outros, desse complexo economico e chegaremos á conclusão que elle bem merece toda a nossa attenção, porque restaurar a zona velha do Estado constitue um dos nossos mais serios problemas.

* * *

Como consequencia logica dos altos preços criamos con-
correntes ao nosso quasi monopolio do café.

Luctamos agora para vencel-os, e venceremos, porque possuimos os melhores elementos de combate: o homem, como o maior valor de uma nação, o clima optimo para a vida desse homem e do cafeeiro; o solo, nas melhores zonas velhas, mesmo quando gastos, possuidores de um conjucto optimo de

propriedades; um como que “substractum” proprio para a restauração de sua antiga fertilidade; o meio mais natural de o rejuvenecer economicamente — o gado — como fonte de renda e não mais como “um mal necessario”; e acima de tudo, a organização, producto da capacidade daquelle mesmo homem. Se ainda não a possuímos completa, já temos muito: temos os transportes e a escola, e povo que tem escolas não teme analphabetos.

Temível seria a concorrência se o cafeeiro medrassé onde vivem allemaes, inglezes, francezes ou povos de equal instrucção:

* * *

De um trecho que viajamos na Araraquarense trouxemos pessima impressão; a decadencia dos cafezaes é evidente.

Ahi e em outras zonas onde a producção já accusava declinio, o fazendeiro açoitado pelo vendaval de 1929 e por esse cortejo de difficuldades que se lhe seguiram, parece desanimar. Augmenta lhe a angustia a falta de braços; o algodão, esse elemento tão util para a economia nacional vem contribuindo para essa situação.

E’ preciso entretanto reagir emquanto é tempo; é preciso restaurar a parte ainda aproveitavel dos nossos cafezaes, pelo menos das zonas de cafés finos, emquanto não é tarde, isto é, emquanto os proprios cafezaes produzem renda.

Para essas zonas, como Ribeirão Preto, Franca e semelhantes é que appellamos.

Não é possível admittirmos o exterminio dessa cultura nesses municipios.

E’ preciso que se deixe de lado a nova credence que já vae tomando foros de axioma de que o “café precisa do bafo do sertão”; elle do que precisa é do *bafo do humus*.

Seria poesia o que escrevemos se já não tivessemos constatado na grande pratica e com varios exemplos á possibilidade da restauração pelo methodo que descrevemos.

* * *

Não é demais repetir que a parte fundamental da restauração de nossos cafezaes velhos cabe aos adubos organicos e destes, de preferencia, ao esterco de curral.

Quer tratemos, como no primeiro de nossos exemplos, de interplantar cafezaes velhos com mudas novas, quer, como no segundo exemplo, preferamos rejuvenecer plantas em decadencia, o problema consiste principalmente em restituir ao solo uma parte das propriedades que perdeu. E essa restituição por meio economico e mais efficaz será realisada pelo esterco de curral.

Como nossas terras são, em quasi sua totalidade, muito pobres de acido phosphorico, será sempre aconselhavel fazer preceder a adubação organica de um pouco de pó de ossos, na proporção de 300, 400 ou 500 grs., por pé, segundo as possibilidades do momento.

Feita em "coroas" ou, de um modo mais economico, em sulcos amplos abertos no meio das ruas de cafeeiros, devemos polvilhar a zona mais proximo das raizes, mas abrangendo a maxima superficie que permittir o sulco, com aquellas quantidades de farinhas de ossos e depois atirar para dentro desses mesmos sulcos a maior quantidade possivel de esterco — 30 ou 40 Kgs. por pé.

Na operação de cobertura do esterco com terra, não devemos nos esquecer de mistural-o com esta, e isso é tanto mais necessario quanto mais compacto for elle, o que acontece mais commumente quando o esterco é de estrumeira e não de "curral", caso em que é menos decomposto, mais palhoso e mais solto.

Dois ou tres annos depois dessa operação repete-se a mesma adubação e, se possivel, em sentido transversal á primeira, se foi feita em sulcos.

O fazendeiro que tratar assim intensamente os seus cafezaes verá em breve os resultados verdadeiramente maravilhosos dessa adubação e no fim de 4 ou 5 annos, depois que já tiver rejuvenecido suas plantas, ahi então poderá se julgar em condições de empregar as adubações mineraes como complemento dos organicos. Só depois disso é que essas adubações podem ser economicas.

* * *

Os dois exemplos que citamos divergem na forma mas se confundem no fim: restaurar cafezaes velhos por meio do esterco de curral.

No primeiro se cria o gado estabulado e trata-se o esterco na estrumeira; no segundo o gado vive no pasto e o esterco é feito sob o piso dos animaes, em um coberto, fechado em seus lados por paredes de 80 cents. ou um metro de altura.

A differença entre os dois methodos é mais economica que technica.

Que importancia pode haver em um delles produzir um adubo melhor, mais completo e mais concentrado, se o outro pode obtel-o por menor preço e se essa differença pode ser bastante para pagar mais tarde os adubos complementares?

E se o segundo que parece levar vantagens sobre o primeiro na parte de custo, for vencido nesse detalhe, que importa?

Tudo isso é uma questão de economia e não de technica, e a economia de uma fazenda, não só é muito complexa como é muito local.

Uma fazenda pode adoptar um optimo systema de exploração que não tenha a mesma applicação na propriedade vizinha.

A questão para nós se resume no seguinte: quem tiver sua propriedade perto de grandes centros consumidores, onde o leite é geralmente caro e as terras escasseiam ou valem muito, que faça cultura de forragem e criação intensiva e portanto construa estrumeiras; ao contrario, quem esteja longe d'aquelles centros ou possua sobra de terras, que faça bons pastos e como estrumeiras simples cobertos, onde o gado criado extensivamente, vae actuar como machina de fazer adubo e pisar a cama que se colloca nesses cobertos.

Em ultima analyse, mesmo sem coberta, em um simples curral com abundancia de cama, pode se obter resultados muito satisfactorios, como já tivemos occasião de constatar em uma fazenda de S. Manoel.

Os dois systemas descriptos são optimos, cada um para seu caso. Um pouco mais de technica ou um pouco menos, pouco importa.

O que importa de facto é que se produza esterco para se salvar a zona velha do Estado de São Paulo.

Carlos Teixeira Mendes